

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

Universidade Estadual de Maringá **ISSN 2358-7369**

A REPETIÇÃO E O PULSIONAL NA CLÍNICA PSICANLÍTICA.

Caroline Polizeli, Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá – PR, Brasil. Hélio Honda, Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá – PR, Brasil.

contato: carolpolizelipsico@gmail.com

RESUMO

A repetição na obra de Freud aparece desde os seus primórdios, sendo um conceito fundamental e estruturante do psiquismo. No entanto, ao longo do construto de Freud, balizado pela prática, observamos que a mesma segue um trajeto que perpassa a fixação no prazer e segue até um deslocamento para uma busca incessante do sofrimento. A reviravolta de 1920, quando Freud propõe a hipótese da pulsão de morte e lança a segunda topologia do aparelho psíquico, tem sérias implicações para o conceito de repetição que ganha caráter demoníaco advindo de uma tendência pulsional do organismo a fazer retornar ao inanimado, à morte. Ao mesmo tempo em que a repetição parece fazer surgir essa tendência, ela se mostra como um resultado da mesma e os sintomas clínicos nos fazem reiterar a hipótese de um mais além que foge à satisfação e inscreve o sujeito em uma repetição dramática da qual não se vislumbra, a priori, possibilidade de simbolização. Dessa forma, por uma pesquisa bibliográfica intentamos percorrer a obra de Freud a fim de entender o desenvolvimento desse conceito e sua relação com os desdobramentos clínicos, principalmente a partir de 1920. Trata-se aqui de um estudo preliminar, visando constituir subsídios teóricos para uma discussão mais complexa acerca da possibilidade de criação do novo contida nas repetições em sua relação com a pulsão de morte, entendida por autores contemporâneos como potencialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Compulsão. Pulsão de morte. Repetição.

Introdução

A repetição na obra de Freud é um conceito que foi sendo construído e desenvolvido em conformidade com os avanços da construção de sua técnica e teoria. Ela coloca-se como fundamental na Psicanálise à medida que se relaciona diretamente com a estruturação e funcionamento do psiquismo, sendo mencionada ao longo de toda criação Freudiana. Tendo isso em vista, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica de cunho metapsicológico acerca desse conceito. Nosso esforço em entendê-lo se dá principalmente a partir de 1920, momento em que a repetição adquire maior destaque quando aliado à descoberta da pulsão de morte que se manifesta, segundo Freud, via compulsão e adquire caráter demoníaco com vistas à destruição do indivíduo. O desafio que impulsiona esse estudo é pensar a repetição na obra de Freud e apreender o caráter demoníaco que ela adquire em relação com a pulsão de morte, a fim de entender a possibilidade que os autores contemporâneos colocam de relacionar a pulsão de morte

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM

Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

como algo inovador e não repetitivo. Pensamos na relevância desse estudo em relação à clínica, já que, a partir dessas considerações podemos entender as postulações sobre a potencialidade da pulsão de morte, de forma a possibilitar ao paciente criar uma nova história, e transformar seu presente e futuro. Seguindo essa trilha de investigação levantamos a necessidade de estudar mais detalhadamente esse conceito de repetição que apresenta---se, ao mesmo tempo, como estruturante da teoria e como impasse na clínica Freudiana quando relacionado à pulsão de morte.

Garcia Rosa (1991) nos afirma que estudar a metapsicologia freudiana implica em refazer o caminho percorrido por Sigmund Freud na elaboração da sua teoria. Esse percurso se justifica já que, segundo Manzoni (1989), os conceitos não são estáticos e os avanços que sofrem se dão em virtude do trabalho clínico, pela integração com os dados da experiência. Por meio de revisão bibliográfica procuramos acompanhar o movimento em espiral que caracterizaria o pensamento de Freud, partindo do pressuposto de que ele continuamente revisa e retifica sua teoria a partir da experiência clínica. Nessa perspectiva, segundo Manzoni (1989), podemos nos referir à obra de Freud por vários aspectos devido às mudanças de posições que ele assume ao longo de sua teoria. Ainda segundo Manzoni (1989) é importante tomar a produção como uma rede de significações que pode ser explicada, comentada e interpretada, não tomando como ponto de partida a validação ou retificação da teoria, mas o significado imerso na trama dos conceitos.

Segundo Cekarrelli (2012), a palavra método vem do latim, e significa abrir caminho, já indicando o sentido de uma investigação. Ao falar de método estamos falando de um caminho a ser atravessado para se chegar a um lugar que está, mais ou menos, indicado pelo ponto de partida. Dessa forma, buscou-se realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico, utilizando a metodologia qualitativa, sob o referencial Psicanalítico. Percorreremos os escritos freudianos em ordem cronológica de publicação e buscamos compreender o conceito de repetição, seu desenvolvimento e suas transformações ao longo das obras freudianas a fim de, aprofundar o conhecimento tema da repetição principalmente quando relacionado à pulsão de morte, para, a partir disso, verificar, a possibilidade de criação do novo nas repetições, entendida por autores contemporâneos como potencialidade. Para tal, buscamos verificar se há aspectos nessa relação que podem dar margem à tal entendimento.

A repetição e sua relação com o princípio do prazer

Segundo nosso levantamento bibliográfico, até 1920, a construção teórica de Freud se deu no sentido de obediência ao princípio do prazer, segundo o qual o objetivo máximo para o qual o psiquismo se esforça é o de encontrar satisfação diminuindo a quantidade de excitação presente no organismo, o que culmina em fugir do desprazer, entendido como aumento dessa excitação. Na Primeira Tópica de Freud, momento em que ele entendia os lugares psíquicos divididos em inconsciente, consciente e pré consciente, a predominância do princípio do prazer e a repetição aparecem como constitutivos do psiquismo. Dessa forma, ele explica que o princípio do prazer busca diminuir as excitações, e quando movido pelo desejo, força propulsora do psiquismo, tende ao reencontro (repetição) com as fontes primárias de satisfação. Aqui a repetição

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM

Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

aparece como um dos pilares de funcionamento do aparelho psíquico, à serviço do desejo inscrito na memória, ou seja na busca do retorno da vivência de satisfação .

No Projeto de uma Psicologia Científica (1985) surge, pela primeira vez, a origem do conceito de repetição que se explica pela ideia de facilitação. Segundo a ideia abordada no texto, o impulso no psiquismo visa percorrer sempre o mesmo caminho, o caminho que está facilitado por impulsos anteriores, já que os novos caminhos exigiriam maior dispêndio de energia, ou seja, já observamos desde aqui a tendência à repetição com vistas a obedecer ao princípio do prazer. (FREUD, 1985/1986)

Ao longo dos seus primeiros textos sobre histeria, e os casos clínicos apresentados, como Anna O., e Emmy Von., o termo repetição aparece aliado à reaparição dos sintomas. Parece notório que as pacientes repetem situações e sintomas que em si mesmo não se explicam, mas desaparecem quando associados à histórias esquecidas, àquelas que só se podem ter acesso por meio da hipnose, e que não se manifestam por meio da fala ou da recordação em estado de vigília. (FREUD, 1895/2006)

Em 1914, Freud dá atenção especial à repetição no sentido clínico de revelação do desejo inconsciente e relata sua relação com a resistência que visa barrar o retorno desse material, dessa forma, tudo que não é barrado pela resistência, e não se pode lembrar é repetido. Freud observa que uma parte consideravelmente importante é esquecida, e se manifesta não mais pela palavra, mas sim, pela atuação na relação com o analista, conforme o autor:

O paciente comporta-se sempre calmamente, concentrando-se em recordar o material recalçado, (...) mas expressa-se pela atuação ou atua-o (acts in out). Ele o reproduz não como lembrança mas como ação, repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo. (FREUD, 1914/2006, p. 196)

Ainda segundo o autor, quanto maior a resistência, mais a atuação substituirá o recordar. E as resistências irão determinar a sequência de material que será repetido. Repete-se inibições, traços de caráter, fontes do reprimido. Nesse sentido repetir evoca um fragmento da vida real, e o manejo da transferência visa reprimir a compulsão à repetição e transforma-la em recordação. No entanto é só com a resistência no seu auge que pode, o analista junto com seu paciente, descobrir os impulsos instituais reprimidos que a alimentam. Nesse sentido no tratamento não se pode fugir de uma compulsão a repetição pela transferência, a mesma é considerada como um fragmento da repetição, transferência de um passado esquecido. (FREUD, 1914/2006)

Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições de resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua (*acts out*). A resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes do recalçado para sua personalidade manifesta — suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. (FREUD, 1914/2006, p.167)

Assim, o conceito de compulsão à repetição é apresentado pela primeira vez em seu sentido clínico no texto *Recordar, Repetir e Elaborar* em 1914, referindo-se a repetição em ato no lugar de uma representação que sofreu a ação do recalque. Aqui, há a postulação de que o que não pode se recordar coloca-se em ato, e pode, por meio da

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM

Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

transferência, ser simbolizado, o que Freud chamou de prazer para uma instância psíquica e desprazer para outra cujo objetivo seria o de afastar o material da consciência. (FREUD, 1914/2006)

Um novo estatuto para a compulsão a repetição a partir de 1920

Freud (1920/2006) começa a questionar a existência de repetições marcadas pelo horror e que nada se relacionam com o prazeroso. Ao observar as brincadeiras das crianças, os sonhos traumáticos de guerra e a compulsão à repetição na clínica, nota que há, para além da procura pela satisfação, uma tendência a buscar o sofrimento de maneira compulsiva e que isso não obedece em nada o princípio de prazer.

No texto *Além do princípio do prazer*, a compulsão a repetição, ganha caráter demoníaco pois segundo autor, essa repetição do que não é e nem nunca foi motivo de satisfação, se inscreve de maneira compulsiva e culmina, aparentemente, em um destino dramático, que se impõe ao sujeito. Considerando que há experiências que são atuadas num caráter de compulsão à repetição, e que essas experiências não trazem em si nada de satisfatórias ou prazerosas relacionada à investigações sexuais infantis fracassadas e restos do complexo de Édipo, Freud entende que nesses casos, o princípio de prazer não mantém relação alguma com essa nova maneira com que Freud passa a conceber a compulsão à repetição. A compulsão à repetição obteve então um estatuto de prova essencial da não dominância do princípio de prazer sobre os processos psíquicos. Para explicar tal compulsão traumática, Freud constata que há no psiquismo algo mais elementar e primitivo que o próprio princípio do prazer que, justamente por ser mais elementar, é ainda mais pulsional: a pulsão de morte. (FREUD, 1920/2006)

Utilizando-se de achados da biologia, Freud postula que há no psiquismo uma tendência ao retorno, isto é, ao estado inanimado do qual procederia a vida, e que o objetivo da vida, nesse sentido, seria buscar a morte. Segundo ele:

Separamos função e tendência de maneira mais nítida que até agora. O princípio do prazer é então uma tendência que está a serviço de uma função: a de fazer que o aparelho psíquico fique isento de excitação, ou mantenha no nível mínimo possível, a quantidade de excitação. Todavia não podemos decidir com certeza por nenhuma dessas versões, mas notamos que a função assim definida participaria da aspiração mais universal de todo ser vivo de voltar atrás até o repouso do mundo inorgânico. Todos temos experimentado que o máximo de prazer atingível por nós é o do ato sexual, unido de uma extinção momentânea de uma excitação extrema."(FREUD, 1920/2006, p. 60)

Assim, lança o conceito de pulsão de morte, que opondo-se à pulsão de vida, cujo objetivo seria criar novas excitações e colocar a vida em movimento, atua de modo compulsivo levando o indivíduo à procurar destruição, morte. Com a descoberta da pulsão de morte, o aparelho psíquico e a teoria freudiana ganham uma reformulação. Freud refere-se à pulsão de morte, como caos pulsional equivalente ao trauma advindo do exterior. (FREUD, 1920/2006)

A relação entre a compulsão à repetição e a pulsão, como vimos, estaria, antes, principalmente no fato de ser necessário ligar a energia caótica do organismo a fim de

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM

Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

que ela seja descarregada de maneira mais organizada, permitindo uma diminuição da tensão, mas, no caso da pulsão de morte o que está operando é algo que está impossibilitado de ligar-se e, conseqüentemente, de ser eliminado de acordo com o princípio do prazer e assim, repete-se furiosamente. Assim, ela fixa um modo de descarga e leva a uma compulsão à repetição traumática. Toma-se a compulsão como decorrente da pulsão de morte, e não o contrário. Considerando essa tendência ao retorno inerente à pulsão, por meio da compulsão a repetição, Freud postula que todo organismo tende a um retorno ao estado inorgânico em que há ausência total de estimulação, chegando a conclusão de que “a meta de toda a vida é a morte” (FREUD, 1920/2006, pg. 38).

No texto *o Eu e o Id* (1923), em que o autor apresenta detalhadamente a reformulação do aparelho psíquico em sua segunda tópica (id, ego, superego), Freud corrobora com sua descoberta da pulsão de morte, aproximando-se da fisiologia ao presumir uma associação entre um processo de anabolismo e catabolismo no organismo, ou seja, de criação e destruição correspondente às pulsões de vida e de morte, e ainda nesse sentido, por especulação, lança-se na explicação do mecanismo de fusão e desfusão das pulsões, sem o qual, segundo o autor, não poderia prosseguir com sua teoria das pulsões. Segundo esse mecanismo, quando as pulsões de morte estão fusionadas, ou seja, englobadas com as pulsões de vida, as primeiras são neutralizadas e expelidas ao exterior pela ação da musculatura, o que dirige a agressividade para o meio externo e possibilita a manutenção da vida. Destarte quando em desfusão, isto é, quando as pulsões estão separadas, as pulsões de morte ficam livres para atuarem no organismo com sua força imperiosa, com vistas ao retorno ao inanimado, exercendo assim a tendência demoníaca de gerar sofrimento e levar o indivíduo à destruição. Segundo essa explanação, se a pulsão de morte não se encontrar enlaçada e neutralizada pela pulsão de vida, abre-se à possibilidade de aparecimento de patologias e de intenso sofrimento devido à repetição compulsiva inerente a pulsão de morte.

A compulsão à repetição e a clínica Psicanalítica

Mesmo com todos esses impasses, saltam ao olhos na clínica psicanalítica, pacientes que, segundo Maruco (2011), reclamam de uma dor incontida, de uma pedra que se apresenta, sempre, no meio do caminho, mas da qual não se consegue fazer associações, é, ao mesmo tempo, uma queixa sobre estranheza e familiaridade. Clama-se por ajuda, procura-se saída diante de um sofrimento repetitivo tais como aqueles relacionados à somatização, adicção e compulsão. Vemos, todavia, que na obra de Freud, a compulsão está diretamente relacionada e inerente a uma tendência inata ao organismo em infringir sofrimento, em diminuir a excitação pulsional até chegar à ausência de tensão, ou seja à morte. Nesse sentido, o manejo clínico para com os sintomas associados à pulsão de morte, levar-nos-ia para o que Freud chamaria de análise interminável em 1937? Haveria sempre um mais além que escaparia a simbolização ou elaboração psíquica? Ou, resgatando Sabina, haveria um potencial de devir e transformação que a destruição acarretaria?

Como já dissemos anteriormente, a trajetória da repetição na obra do Freud parece deslocar-se de uma tendência a reviver situações de satisfação para a busca

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

incessante de sofrimento a partir da segunda tópica. Dessa forma, segundo Laplanche e Pontalis (1996), Freud passa a se referir a dois tipos de repetição, uma compulsão a repetir vinculada ao princípio do prazer, processo natural e constitutivo, e um repetir que objetiva o desligamento, a descarga, relacionada ao que ele chama de demoníaco, ou mortífero, nesta, repete-se experiências desagradáveis. No entanto, percebemos que a repetição ganha um novo estatuto a partir de 1920, mas é importante salientar que nem tudo que se repete causa desprazer, Freud irá a partir de 1920 enfatizar esse aspecto para destacar o caráter demoníaco relacionado à insistência de situações que nunca propiciaram prazer.

Podemos perceber que a repetição levou Freud a descobrir um mais além na sua estruturação do psíquico, tendo aqui um caráter de devir, de dar voz a algo que até então atuava de maneira silenciosa. Nesse sentido, retomamos um texto anterior à descoberta da pulsão de morte, em que Freud já se referia a repetição nesse sentido:

(...) em uma análise, no entanto, uma coisa que não foi compreendida, inevitavelmente reaparece; como um fantasma inquieto, não pode descansar até que o mistério tenha sido resolvido e que o encanto tenha sido quebrado. (Freud, 1909, p.111)

Dessa forma, Freud nos informa que aquilo que é excessivo insiste em se manifestar, ou seja, repete, e não pode descansar até que se ganhe um sentido, um símbolo, e o encanto seja quebrado. Freud (1919/2006) no texto *O Estranho* escreve sobre o estranho em cada um de nós, referindo-se àquilo que —deveria permanecer em secreto, mas veio a luz, e nos dirige, nesse sentido, à compulsão a repetição. É por meio da sensação de estranhamento que Freud explora o retorno do recalcado como algo marcado pelo horror, e pela sensação de familiaridade. Freud discorre sobre uma repetição involuntária que transforma algo inocente como ocorrências semelhantes em experiências estranhas repetitivas que evocam sensação de desamparo. Referindo-se, já nesse texto, ao estranho como uma manifestação de uma compulsão não vinculada ao princípio do prazer, já que segundo o autor:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma "compulsão à repetição", procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco. (FREUD, 1919/2006, p. 297).

É importante ressaltar, no entanto, que essa temática referente a pulsão e a repetição necessita de melhor compreensão e aprofundamento, pois lança-nos desde Freud à transitoriedade de nosso saber e nos propulsiona a maiores esclarecimentos frente as lacunas existentes em toda teoria. Sendo assim, muitos autores pós freudianos debruçaram-se no sentido de criar possibilidades clínicas frente à pulsão e seus destinos, o que já em Freud aparece sendo estruturado e pensado de maneira a dar margem para questionamentos e ou interpretações.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

A repetição e o pulsional: impasse ou solução na teoria Psicanalítica?

Ainda em relação à análise, Freud em *Análise Terminável e Interminável* (1937/2006) nos fala sobre a possibilidade de término de uma análise e se refere à resistência que está para além da resistência do ego: a resistência proveniente do inconsciente. Segundo o autor, após o ego haver resolvido abandonar suas resistências no processo de análise, ainda encontra dificuldades em desfazer as repressões e aí segue um período de muito trabalho, denominado de elaboração. Depois de removida a resistência do ego, o autor aponta que a compulsão a repetição ainda tem de ser superada. Nesse sentido, posteriormente, Freud revela que o analista tem que lidar com cinco espécies de resistências: advindas do ego, do id e do superego. Existiria dessa forma, três resistências provenientes do ego, tais como a resistência da repressão, resistência da transferência, e da própria doença; resistência proveniente dos protótipos inconscientes (pulsões), que precisa de elaboração, e a última e mais nebulosa a resistência proveniente do superego, que decorre do sentimento de culpa e da necessidade de punição, que também relaciona-se com a pulsão de morte entrincheirada nesse lugar. Segundo Strachey na introdução desse texto:

É digno de nota, em primeiro lugar, que os fatores sobre os quais insiste são de índole fisiológica e biológica e, por conseguinte, insuscetíveis, no fundamental, de influências psicológicas; tais como, por exemplo, a relativa intensidade "constitucional" das pulsões e a debilidade relativa do ego por processos fisiológicos como a puberdade, a menopausa e a enfermidade física. Mas o estorvo mais poderoso e que se acha fora de toda a possibilidade de controle é a pulsão de morte [...] Freud nos sugere que ela não só é responsável por grande parte da resistência encontrada na análise, mas que é, na verdade, a causa última do conflito psíquico (Strachey, 1937/1997, p. 214-15).

Nos textos a partir da segunda tópica, o que torna claro é que a constituição pulsional é fator determinante na etiologia das neuroses e também nos obstáculos que se coloca frente ao sucesso da análise e que essa constituição se dá de modo diferente em cada indivíduo. As pulsões de morte aumentariam a tendência ao conflito e aos processos repetitivos, além de intensificarem o sentimento de culpa à medida que se ligam ao superego e à transferência negativa. Essa pulsão, quando não encontrando possibilidade de exteriorização, ou seja, ao não se encontrar em fusão com a pulsão de vida de modo a estar libidinalizada, se tornaria mais imperiosa e devastadora, atuando solitária e silenciosa no psiquismo tendendo à destruição.

Apesar da proposição de Freud sobre a pulsão de morte ter se tornado a mais conhecida e mais acessível, muito antes dele, Sabina Spielrein (1981) em seu artigo, *Destruição como causa do devir* indagou-se, utilizando-se de suas observações clínicas e das literaturas a que consultava na época, se não esconderíamos forças pulsionais capazes de mover o psiquismo independente dos sentimentos de prazer e desprazer. Como Freud o fará a partir de 1920, Spielrein (1981) postula que há alguma coisa no indivíduo que o impulsiona a fazer mal a si mesmo, o que vai contra a pulsão de autoconservação. Spielrein (1981) localiza um componente de morte presente no

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM

Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

instinto sexual, contudo para ela, a destruição seria a causa de transformação, e aproximando-se da mitologia grega em que morte é símbolo do salvador, apresenta a morte como destrutiva para o instinto sexual, mas ao mesmo tempo sinônimo de criação no plano da transformação do indivíduo.

Eu decididamente tenho de defender a visão de que a psique do Eu, inclusive a inconsciente, é guiada por moções que se encontram ainda mais profundas e não se ocupam nem um pouco com nossas reações emocionais às demandas impostas por elas. O prazer é simplesmente a reação afirmativa do Eu a essas demandas originárias do âmago e nós podemos ter prazer diretamente a partir do desprazer e prazer pela dor, a qual, tomada em si mesma, é fortemente carregada de desprazer, pois a dor corresponde a um prejuízo do indivíduo, contra o qual o instinto de autopreservação em nós se opõe. Portanto, em nosso âmago há algo que, por mais paradoxo que isso possa soar a priori, quer esse auto prejuízo, pois, afinal, o Eu reage a ele com prazer. O desejo do auto prejuízo, o regozijo pela dor é, no entanto, completamente incompreensível se considerarmos apenas a vida do ego, a qual só quer ter prazer. (SPIELREIN, 1981, p. 105).

Spielrein (1981) utiliza-se também da biologia para explicar tais achados de um componente instintual que se opõe a vida, ilustra esse componente de morte na tendência de destruição do organismo biológico. Ela fala sobre a procriação, referindo-se a destruição inerente ao surgimento da vida, momento em que células antigas morrem para dar origem a outras células novas e também refere-se à sensação de morte que a perda de excrementos sexuais geram no indivíduo

Freud, na época, acautela-se quanto às proposições de Sabina, pois, segundo ele, a autora subordina fatores psicológicos ao ponto de vista biológico e aproxima-se da mitologia de forma imediata sem submetê-la ao crivo psicanalítico. No entanto, em 1920, o autor, como já vimos, também se utiliza de hipóteses da biologia, tais como ao considerar a tendência do organismo ao retorno ao estado inanimado, e além disso, refere-se, ao final de *Além do princípio do prazer*, à mitologia, quando utiliza-se do mito de Aristófanes, para ilustrar o dualismo pulsional, uma eterna busca pelo duplo, e pela harmonia. Pode-se notar que Freud parece percorrer um caminho muito parecido com aquele que Sabina se lança, e que, ao mesmo tempo, o autor tece críticas.

Apesar das controvérsias ou inspirados nelas, autores contemporâneos como Maruco (2007) e Filho (2010) conjecturarão sobre a possibilidade de abertura ao novo que essa pulsão carrega. Filho (2010) traz que a pulsão de morte não é a vilã dos processos psicopatológica já que, ao pulsar, via repetição, cria uma possibilidade de ser escutada, capturada pela malha representacional e enlaçada pela libido, dessa forma por meio desse encontro com a libido pode surgir a possibilidade de ser simbolizada. Segundo o autor quando a pulsão sexual falha em seu trabalho de domesticar a pulsão de morte, deixa o indivíduo entregue à compulsão de destino. Ou seja, esse autor, demanda ao mecanismo de fusão a possibilidade de saída para uma repetição traumática. Maruco (2007) nos coloca que o desafio da clínica é desfazer a repetição a maneira de um destino para que o paciente, por meio da força da pulsão de vida, transforme seu presente e futuro.

Segundo a visão desses autores, a pulsão de morte carregaria a possibilidade de impulsionar o trabalho da diferença, quando solitária, estaria atuando de modo a

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

tornarem mortificantes para o sujeito, mas quando em condições de movimento e encontro com a pulsão de vida, pela via da repetição, criariam um potencial de renovação. Penso que talvez esse potencial criativo no encontro com a pulsão de vida estava já sendo esboçado e conjecturado desde muitos antes de Freud quando Sabina propõe um devir partindo da destruição, e em Freud quando o mesmo relata sobre os mecanismos de fusão e desfusão sem os quais não prosseguiria com seu dualismo, e pelos quais há encontro e movimento das forças pulsionais, impulsionando o psiquismo e possibilitando pensar um possível enlace com a libido e a possibilidade de novos direcionamentos ou a novidade de ligação dessa energia pulsional. Em relação a compulsão à repetição, parece haver, desde Freud, a possibilidade de fazer surgir o novo por meio da insistência do mesmo e essa ambiguidade é o que, principalmente, nos direciona à lançar um olhar positivo para a pulsão de morte. No entanto, seguindo essa linha de raciocínio, resta-nos pensar sobre como atuam as psicoterapias e seu alcance frente à esses mecanismo de fusão e desfusão, a partir da compulsão a repetição repetição.

Conclusão

Ao longo das leituras, podemos perceber, a partir de 1920, um movimento de associar a repetição com algo demoníaco quando em relação com a pulsão de morte e, ao mesmo tempo, ou em contraste com isso, associar a possibilidade de transformação e renovação que a repetição parece escancarar insistentemente. Observamos que Freud dá atenção especial à compulsão a repetição que a pulsão de morte encara, assim como ao mecanismo de fusão e desfusão que ocorre entre as forças pulsionais e que possibilita o livre atuar da pulsão de morte culminando na compulsão, ou sua neutralização. Utilizando desse mesmo mecanismo, mesmo sem nomeá-lo, autores contemporâneos conjecturam a possibilidade, através do encontro com a libido, de novas significações e até a possibilidade de simbolização, o que denotaria um controle sobre a tendência à destruição e um novo olhar para a compulsão a repetição, que dessa maneira, daria voz à pulsão que até então atuava silenciosa e abriria para a possibilidade de transformação do traumático dessa pulsão.

Até agora, nossos estudos em relação à repetição levaram-nos para um problema central, a questão do impasse frente à pulsão de morte tanto em relação à mudança do estatuto da repetição quanto da sua aceitabilidade dentro da própria Psicanálise. Dessa forma, além das possíveis contribuições de Spielrein, considerando o movimento do pensar de Freud, mais do que trazer respostas, a pesquisa abre a possibilidade de novos questionamentos, e conjecturas pela trilha que se estabelece e pelos questionamentos que levantamos. Podemos perceber pela análise dos últimos textos de Freud como *Análise Terminável e Interminável* (1937) que o pessimismo frente à clínica psicanalítica ganha um espaço perceptível decorrente da constatação de que a constituição pulsional (pulsão de vida e pulsão de morte) inerente ao psiquismo é um dos fatores determinantes para o sucesso ou não do tratamento. Nesse sentido, as proposições otimistas de autores atuais em relação à potencialidade da pulsão de morte e da repetição merecem ser tomadas com atenção pois repetem a possibilidade do devir que já existia até mesmo antes de Freud, com Sabina. Freud lançou mão de conjecturas

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

para prosseguir com sua teoria, talvez possamos, inspirados nele, lançar-nos também nesse caminho para tentar preencher algumas lacunas e pensar os desafios que se escancaram à nossa frente como a questão da repetição na clínica psicanalítica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECCARELLI, P. R. **Dom Quixote e a transgressão do saber**. In: Revista Mal-estar e subjetividade. Fortaleza, vol. 9, n.3, p. 879-899, set. 2009.

FREUD, S. (1895) – **Proyecto de psicología**. Obras Completas. Vol.I. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1895) – **Estudios sobre la histeria**. Obras completas. Vol.II. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1909) – **Análisis de la fobia de um niño de cinco años**. Obras Completas. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1914). **Recordar, repetir y elaborar**. Obras Completas, v. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.

FREUD, S. (1919). **Lo ominoso**. Obras completas. Vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1920) – **Más allá del principio de placer**. Obras Completas. Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006

FREUD, S. (1923) – **El yo y el ello** Obras Completas. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1926) – **Inhibición, sintoma y angustia**. Obras Completas. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1937) **Análisis terminable e interminable**. *Obras Completas*. Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da
Psicologia 24 a 27 de Outubro de 2016

LAPLANCHE, J. (1985) **Vida e morte em psicanálise** (C.P.B. Mourão, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARUCCO, N. C. Entre a recordação e o destino: a repetição. **Rev. bras. psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 1, mar. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 nov. 2015

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1989.

PAIM FILHO, I. A. **Compulsão à repetição: pulsão de morte "trans-in-vestida" de libido**. *Rev. bras. Psicanálise*. São Paulo, v. 44, n. 3, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 nov. 2015.

SPIELREIN, S. (1981). **La destruction comme forme du devir**. In M. Guibault e J. Nobecourt, *Entre Freud et Jung*. (pp. 211-262). Paris: Aubier Montaigne.

STRACHEY, J. (1937) **Nota Introdutoria a Análise terminável e interminável**. *Obras Completas*. Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1997.